

“Risco para a Madeira é menor , mas não nulo”

O último balanço aponta para quase 500 mortos e mais de 24 mil infectados pelo novo coronavírus (2019-nCoV), com origem em Wuhan, na China.

Além do território continental chinês e das regiões de Macau e Hong Kong, há casos de infecção confirmados em mais de 20 países, incluindo 9 países da Europa (Alemanha, França, Itália, Rússia, Espanha, Finlândia, Suécia, Reino Unido e Bélgica).

A situação levou a que a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarasse, na última semana, emergência de saúde pública de âmbito internacional, o que pressupõe a adopção de medidas de prevenção e coordenação à escala mundial.

Para já, não existem casos confirmados em Portugal, mas a probabilidade é “razoável”, diz o infectologista Jaime Nina, professor na Universidade Nova de Lisboa e médico do Hospital Egas Moniz.

Em entrevista ao DIÁRIO, o especialista em doenças infecciosas adianta que a Madeira não deverá ficar de fora se houver um surto no nosso país, mas reiterou a sua confiança no Sistema Nacional de Saúde.

Falou ainda sobre as formas de transmissão, os ‘grupos de risco’ e a evolução do vírus que está a marcar a actualidade.

Tendo em conta o número de mortos e infectados pelo novo coronavírus, devemos estar alarmados? Sim, há razão para algum alarme, não esquecendo que quer Portugal quer a comunidade interna-

cional está atenta (alguns mais que outros...) e tentando encontrar soluções e aplicar as que já se conhecem.

É provável que o vírus chegue a Portugal? E à Madeira?

Portugal tem uma comunidade de origem chinesa de vários milhares de pessoas e há contactos frequentes, pelo que há uma possibilidade / probabilidade razoável de também importarmos casos. O risco para a Madeira é bem menor, mas não nulo, particularmente se houver um surto em Portugal.

Estamos devidamente preparados? Nos hospitais de ‘segunda linha’ como é o caso do Hospital Dr. Nélio Mendonça, no Funchal, sem área de isolamento com pressão negativa, é possível adaptar as enfermarias de isolamento ‘normais’ para acolher eventuais doentes? Portugal já tem instalações, pessoal e técnicas preparadas para poder resolver bem casos que apareçam, nomeadamente em Lisboa e Porto. Só se essa capacidade instalada for ultrapassada por um surto de grande dimensão, hipótese que de momento parece muito pouco provável, é que teremos de encarar a capacidade de hospitais de 2ª linha, devidamente adaptados. Quanto à situação da Madeira, confesso a minha ignorância.

As formas de transmissão deste novo coronavírus (2019-nCoV) ainda estão em investigação pelas autoridades internacionais. A transmissão de pessoa a pessoa foi confirmada, embora ainda não se conheçam mais pormenores. Tem alguma ideia do que está a ser feito neste campo? A transmissão faz-se por via aérea, por gotículas ex-

peladas aquando o doente infectante tosse – esta é a, de longe, mais importante forma de transmissão. Outras formas de transmissão, como contacto com superfícies infectadas (antes destas secarem, matando o vírus) como maçanetas de portas, é suspeito mas ainda não estão devidamente documentadas.

Quem está mais susceptível ao vírus e aos sintomas graves? Susceptível à infecção, aparentemente é a totalidade da população. Mas os casos graves estão concentrados na população mais idosa e com co-morbilidades. Por exemplo, num estudo dos primeiros 17 mortes num hospital chinês, 8 dos 17 (quase metade) tinham mais de 80 anos, 5 tinham diabetes, etc. O doente mais novo que morreu tinha 48 anos, diabético e com sequelas graves de um AVC prévio.

A epidemia vai continuar aumentar e até quando é que se vai manter? A curto prazo, sim a epidemia ainda está na fase ascendente. A mais longo prazo, ainda não se sabe, tanto poderá ser controlada e erradicada nos próximos meses, como poderá continuar a espalhar-se e tornar-se mundial. Não sabemos, o futuro o dirá.



Jaime Nina, infecciosologista do Hospital Egas Moniz, em Lisboa

In *“Diário de Notícias”*